



Os tradicionais Caretos de Podence.

é carnaval em mim

Dentro de mim há um imenso salão colorido por pedacinhos de papel de várias cores e serpentinas e, no meio de tanto ruído, sinto medo. Medo dos fantasmas que me povoam, dos demónios interiores, dos anjos de asas quebradas. Abeiro-me do abismo da ilusão e sou tomado por vertigens e, no entanto, não aspirei nenhum spray com solventes químicos.

Busco o baile, a fantasia, a loucura insaciada dos que fazem desfilar em bloco os seus desejos irreprimíveis. Arranco do coração, uma por uma, as máscaras da minha coleção: a do cínico, do farsante, do pusilânime. Quero-me nu, completamente nu, na passadeira em que me exibirei pelo avesso: aversões e preconceitos, contradições e mesquinhices. Surgirei do barro e do sopro, tal como Deus me pôs no mundo.

Anseio pela batucada capaz de eriçar cada célula da minha pele e, na ponta dos pés, dançarei sobre o aro do pandeiro, até que o som da ronca me desperte a consciência. Abrirei a torneira de meu televisor, e deixarei que escorra pelas escadas da casa toda a impotência das mulheres adornadas de falsa beleza, e a prepotência dos homens que

não sabem fortalecer a musculatura da alma. Cessado o burburinho das ruas, esmaecidas as luzes, adormecidos os foliões, atravessarei sozinho o sambódromo, e recolherei pelo chão as sombras das tristezas fantasiadas de alegria, das lágrimas contidas no ritual do riso, das ilusões defraudadas pela realidade. E deixarei ali os retalhos dessa descomplacência que me atordoa o espírito, na esperança de que a magia do próximo desfile exhiba, em carro alegórico, essa represada voracidade amorosa.

Não irei atrás do carro de som, a menos que ele cesse o movimento, desligue o motor, emudeça a turba e, num gesto invulgar, faça do silêncio a matéria-prima da festa. É disto que preciso, avidamente: defantasiar a subjetividade, escutar a própria intuição, deixar que esse cortejo que me habita ganhe as ruas, esvaziando-me de mim mesmo. Há demasiado entulho nas minhas cavernas interiores.

Se, por acaso, me encontrar com o Rei Momo, hei de sugerir que se aposente. O Carnaval já não é a festa das comezainas que empanturram o estômago. São os olhos que, glutões, engolem sôfregos todos os seios e bíceps e coxas e nádegas e

braços e pernas, sedentos de narcísico reconhecimento, e imprimindo ao espírito o fastio irremediável, tão enjoativo quanto a certeza de que, das cinzas da quarta-feira, a fénix da esbelteza não renascerá.

Se a bateria continuar a soar aos meus ouvidos, pedirei a Orfeu que me empreste a sua lira e me permita mergulhar nos mares subterrâneos de meu inconsciente. Aspiro pelo canto inebriador das musas, e prefiro a agonia solene do órgão e a suavidade feminina da harpa, aos sons desconexos dessa parafernália eletrônica que tão bem traduz as minhas atribulações. O Carnaval é feito de momentos e eu, de tormentos. Deverei fugir para alguma ilha deserta oculta no mar revoltado do meu plexo solar, ou fingir, na avenida, que os deuses do Olimpo me vieram coroar? Ah, quem dera que eu pudesse trocar de caráter cada vez que mudo de roupa, rasgar os mantos lúgubres que não me protegem do frio, acreditar nessa inversão de papéis que me conduz à apoteose, exatamente quando o show é obrigado a cessar.

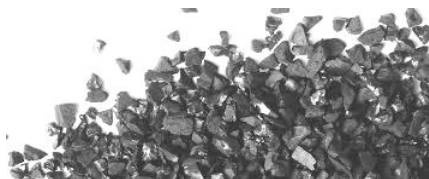
Talvez eu entre numa roda de crianças piratas que me libertem do meu acanhamento, e peça à Colombina, apenas, um piscar de olhos para alegrar o

meu Pierrot. Ao soar do apito, cantarei num solo o meu samba-enredo em homenagem ao Arlequim - esse retrato de mim próprio.

Ao amanhecer, quando os serviços de limpeza iniciarem o seu trabalho, serei encontrado estirado no asfalto, desfeito em pedaços espalhados pelos cantos, à espera de que as suas vassouras me juntem os cacos, me cicatrizem as articulações, deem energia aos meus ossos e novo vigor às minhas carnes, de modo que eu consiga o mais difícil - fantasiar-me de mim mesmo. Ficarei tão leve que, com certeza, voarei sem asas, embriagado pela euforia que o Carnaval pressente, mas não sente. Sim, quero mais, quero um Carnaval que nunca cesse e seja tão sem limites, que faça com que os mortos dos cemitérios venham para as ruas num infundável cordão, entoando loas à vida, e que o brilho do coração irradie tanta luz, que traga aos meus olhos a cegueira do transitório. Que sejam ternas e eternas as minhas alegrias, distantes dos melindres fugidios, entregues às mais puras melodias, às mais inefáveis poesias.

FREI BETTO é escritor, autor de *"Alfabetto - Autobiografia Escolar"* (Ática), entre outros livros.

cinza



A cinza, do latim, *cinis*, é o produto da combustão de algo consumido pelo fogo. Muito facilmente adquiriu um sentido simbólico de morte, caducidade, extinção e, em sentido extensivo, de humildade e penitência. Em Jn 3,6, o gesto do rei de Nínive, que se senta sobre a cinza, serve para descrever a atitude de conversão dos habitantes da cidade. Muitas vezes, encontra-se a alusão ao «pó» da terra: «eu que sou apenas cinza e pó», diz Abraão, em Gn 18,27.

Em Quarta-feira de Cinzas, a anterior ao primeiro domingo da Quaresma (ou seja, a que segue ao Entrudo), realiza-se o gesto simbólico da imposição das cinzas na cabeça, fruto da cremação das palmas do ano anterior 1. É um gesto de resposta à Palavra de Deus que nos convida à

conversão, como início do jejum quaresmal e da caminhada de preparação para a Páscoa. A Quaresma começa com as cinzas e termina com o fogo, a água e a luz da Vigília Pascal. Sugere-se que algo deve ser queimado e destruído em nós – o homem velho – para dar lugar à novidade da vida pascal de Cristo.

O ministro, enquanto impõe as cinzas, profere uma destas duas expressões: «*Arrependei-vos e acreditai no Evangelho*» (Mc 1,15) ou «*Lembra-te, homem, que és pó da terra e à terra hás de voltar*» (Gn 3,19): um sinal e umas palavras que exprimem muito bem, por um lado, a nossa caducidade e o nosso arrependimento, e, por outro lado, a aceitação do Evangelho, ou seja, a novidade de vida que Cristo quer comunicar, em cada ano na Páscoa.

In DICIONÁRIO ELEMENTAR DE LITURGIA

JOSÉ ALDAZÁBAL

https://www.liturgia.pt/dicionario/dici_ver.php?cod_dici=87



Na cultura europeia, os caminhos de Peregrinação têm uma importância significativa, originalmente em virtude da cristianização medieval, que permitiu a atualização de muitas tradições pagãs, utilizadas como fatores de diálogo entre populações diferentes, no âmbito de uma rede que tinha como centro a cidade de Roma, como sede pontifícia e símbolo da unidade e universalidade do catolicismo.

2021 – 2022

Ano Santo Jacobeu

UM CULTO ESPECIAL IBÉRICO

O Império Romano do Ocidente deu lugar à *Respublica Christiana*, marcada por diversos caminhos de Peregrinação, considerando que “todos os caminhos vão dar a Roma”. Na Península Ibérica, a partir do século VIII, a ocupação islâmica determinou o movimento de Reconquista cristã, iniciado nas Astúrias e no sul de França, com a vitória de Poitiers (732). A importância da peregrinação de Santiago de Compostela relaciona-se com este movimento. Em finais do século VIII difunde-se no noroeste peninsular a lenda de que aí estaria o corpo de Santiago Maior. Cerca de 812 um eremita de nome Pelágio teria avistado uma estrela pousada no Bosque de Libredón. Tal facto foi comunicado ao Bispo de Iria Flávia, Teodomiro, que se deslocou ao local e identificou o lugar no qual se encontraria o corpo decapitado do apóstolo nos restos de uma antiga capela de um cemitério romano. A esta referência se associou a chegada à região de uma população moçárabe, que assim passou a ter condições para a prática da religião cristã. A designação Compostela constituiria uma derivação do latim “*Campus Stellae*”, a evocar a descoberta revelada a Teodomiro. Nesse local haveria uma antiga festa pagã ligada ao culto do Sol em Finisterra. O tempo viria a tornar a festividade de Santiago Apóstolo de grande importância, a partir da forte ligação às tradições dos trovadores da Provença e do Languedoc, no sul de França, confirmando a ligação de todo o norte peninsular às raízes culturais comuns e às necessárias condições de

segurança, perante a influência muçulmana. Em 1075, o Bispo Diego Páez iniciou a construção da Catedral românica dedicada a Santiago, graças aos recursos financeiros gerados pelo sucesso da presença de peregrinos europeus. Deste modo, Compostela ganhou evidente peso político no novo Reino de Leão. Em 1120, o arcebispo Diego Gelmirez obteve do Papa Calisto II a transferência da Sé Metropolitana de Mérida para a igreja compostelana, em detrimento do primaciado dos Arcebispos de Braga. E o Prelado de Santiago de Compostela ganhou jurisdição eclesiástica sobre a maioria das dioceses das Astúrias e de Leão, além de possuir um rico domínio feudal até ao Atlântico. Em 1102, o poderoso arcebispo Gelmirez levou de Braga, pela calada da

noite, num verdadeiro assalto, as relíquias do bispo bracarense S. Frutuoso e dos mártires S. Silvestre, S. Cucufate e Santa Susana. Tal atitude, algo comum no período medieval, teve como justificação a necessidade de dar às relíquias devida adoração em Santiago de Compostela. O episódio conhecido como “pio latrocínio” foi origem de um longo conflito entre Braga e Compostela, apenas reparado em 1966 e 1993, quando as relíquias regressaram a Braga.

Se há uma ligação evidente na cultura galaico-portuguesa a Santiago de Compostela, há consequências políticas deste último conflito, com peso indiscutível nas reivindicações independentistas dos barões de Entre Douro e Minho, ciosos das prerrogativas de Braga e do Porto. Se as tentativas de Diego Gelmirez de criação de uma teocracia, que ameaçava também o Reino de Leão, não tiveram sucesso, a verdade é que viria a ser o futuro Reino de Portugal beneficiário da autonomia cultural e linguística do polo de Compostela, pela adoção por D. Dinis do galaico-português como língua oficial. O desenvolvimento cultural suscitado pela influência trovadoresca e pela ligação europeia de galaico-portugueses e provençais, ao longo do Caminho de Santiago, viria a reforçar a autonomia estratégica do ocidente marítimo peninsular, autêntico herdeiro da tradição jacobea. A relação galaico-portuguesa permitiu a aproximação ibérica de que falava Miguel de Unamuno, compreendendo a diversidade histórica e considerando que há caminhos diferentes que visam um património

comum, cultural e linguístico, além de se inserir num mundo complexo das culturas múltiplas geradas nesta língua comum de peregrinos e trovadores. Lembramos Martim Codax, Afonso X, o Sábio, Meendinho (da ermida de S. Simão da ria de Vigo), mas também Rosalia de Castro, Curros Enríquez, Eduardo Pondal ou o Padre Feijó – e deste modo encontramos raízes antigas que nos projetam no futuro. E a língua portuguesa conduz-nos a várias culturas que se desenvolvem e enriquecem mutuamente. No tempo em que o multilinguismo está na ordem do dia e deve ser desenvolvido, a afirmação da língua e das literaturas providas do galaico-português exige mais conhecimento mútuo e vontade comum. E

quando Fernando Pessoa fala da pátria como língua, o que reclama é o dever de comunicação e a responsabilidade de uma “memória criadora”.



AS REDES EUROPEIAS DE CAMINHOS

Falar do Caminho de Peregrinação de Santiago é considerar também a tradição do galaico-português, e lembrar as origens da língua em que nos exprimimos, e recordar uma história cultural que nos leva a raízes muito antigas na Europa, desde a reconquista até à modernidade, o que nos conduz a um diálogo com os povos peninsulares, desde o império romano aos berberes e árabes até à cultura moçárabe, passando pelo cadinho que nos caracteriza. E é extraordinário ver como a língua do ocidente peninsular se tornou universal. As raízes históricas dos caminhos de peregrinação (“per agros”) superaram em muito as tradições antigas – as origens religiosas, reforçaram-se pelas práticas culturais e hoje o conceito moderno de património cultural conduz-nos à importância crescente dos roteiros além-fronteiras e às redes de cooperação cultural,

educativa, científica, ambiental e turística. O caso das Peregrinações de Santiago liga-se a uma rede muito diversificada que se desenvolveu na Europa, e hoje se projeta mundialmente, o que constitui decisivo fator de uma Cultura de Paz, que tem sido defendida na UNESCO, mas também no Conselho da Europa, segundo o espírito da Carta das Nações Unidas e os objetivos do Desenvolvimento Sustentável. *O Ano Santo Jacobeu ocorre sempre que o respetivo dia 25 de julho corresponder a um Domingo, o que acontece em 2021. Contudo, em virtude da Pandemia Covid-19, o Papa Francisco autorizou que as festividades se proloquem em 2022.*

*Guilherme d'Oliveira
Martins*

<https://e-cultura.blogs.sapo.pt/avida-dos-livros-1160233>